



DOSSIÊ

A Aula-entrevista como instrumento didático um olhar para as diversidades

Suziane Felin MAFFINI, *GEEMPA/RS*

Candy Marques LAURENDON, *Universidade Federal de Pernambuco*

A escola precisa ser transformada, verdadeiramente reinventada, afim de que ela esteja adaptada ao contexto social, moderno e atual passando por profundas mudanças e exigirá, portanto, dos professores uma proposta mais flexível e plural, com uma atenção mais personalizada para os estudantes. Neste sentido, o presente relato de experiência objetiva trazer uma discussão sobre a importância atribuída a Aula-entrevista pelo/a professor/a alfabetizador/a e que uso ele realiza desse instrumento didático, mostrando os possíveis encaminhamentos lógicos e dramáticos que ele pode proporcionar. A Aula-entrevista é um dos instrumentos didáticos criados pelo Grupo de Estudos Sobre Educação Metodologia de Pesquisa e Ação (GEEMPA), Organização não Governamental, que trabalha com a formação continuada de professores alfabetizadores. Segundo Freitag (2011), a proposta do GEEMPA concretiza na prática o construtivismo de Piaget, dando um sentido didático para as elaborações teóricas de Ferreiro e Teberosky (1988). No contexto da alfabetização, a Aula-entrevista oportuniza um encontro individual entre professor e aluno possibilitando diagnosticar a zona de aprendizagem acerca da leitura e da escrita, ou seja, as hipóteses de pensamento do aluno. Para o professor, este instrumento permite orientar seu trabalho pedagógico, ao conhecer o universo cultural e as particularidades de cada um para lidar com a diversidade sociocultural presente na sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Aula-entrevista. Alfabetização. Diversidade sociocultural. Didática

Introdução

Um dos desafios encontrados atualmente no setor educacional é acompanhar as transformações culturais e econômicas da sociedade, para alterar a concepção de ensino e do papel da escola enquanto instituição social. Busca-se uma escola democrática, pluralista, que possa valorizar a diversidade frente às problemáticas sociais perpassadas pelo educador e pelos educandos. Diversidade que estes atores trazem para as escolas, tais como: sócio-étnico-racial, de gênero, de território, de geração, etc. O desafio é portanto compreender a diversidade como positiva e enriquecedora para a escola, e se libertar de olhares preconceituosos.

Nesse sentido, a educação pode ser considerada como uma política social, que tem como compromisso fundamental à garantia dos direitos do cidadão, e para tal, deve propiciar ações para a efetivação desses direitos sociais e aprendizagens dos sujeitos envolvidos.

Porém, ao se deparar com o atual contexto brasileiro, percebe-se que o ensino tem se mostrado insuficiente, uma vez que a escola não está sintonizada com a realidade sociocultural de seus alunos. Com isso, o presente texto propõe apresentar o instrumento didático- a aula-entrevista - e discutir a sua aplicação e relevância para uma prática docente direcionada a uma eficiência do processo de ensino-aprendizagem.

A Aula-entrevista, um instrumento cientificamente elaborado por Esther Pillar Grossi, é um encontro a dois, do/a professor/a com cada um dos seus alunos, constituindo um momento especial de aprendizagens para os dois atores. Com este, o/a professor/a realiza um diagnóstico sobre os conhecimentos de seus alunos, a partir de elementos que remete ao nível lógico e subjetivo do processo de aprendizagem.

Propomos também neste texto, como colaboradoras do Geempa e formadoras de alfabetizadores pós-construtivistas, de compartilhar situações relacionadas às nossas experiências vivenciadas, ao participar em particular, de 2010 a 2014, do projeto de Correção de Fluxo na

Alfabetização¹ MEC/GEEMPA. Este foi a oportunidade de acompanhar a formação de professores que trabalharam com turmas com o objetivo de alfabetizar alunos que frequentavam a escola, mas que ainda não lograram ler e escrever.

Após definir e caracterizar a Aula-entrevista discutiremos, portanto a efetiva ação e seu uso por professores pós-construtivistas que participaram de formações no Geempa, a fim de destacar suas atuações inovadoras, que favorecem atender a diversidade sócio-cultural dos alunos e democratizar as aprendizagens.

Caracterização de um instrumento revolucionário

Dentro da proposta didático-pedagógica do Pós-construtivismo, dentro da variedade de instrumentos e procedimentos didáticos com vistas a alfabetizar todos os alunos, apresenta-se a Aula-entrevista. Esta corresponde a um tête-à-tête entre o professor e seu aluno, que possibilita uma verdadeira aprendizagem para os dois atores da relação.

A Aula-entrevista definida como um dos princípios fundamentais da proposta pós-construtivista do Geempa corresponde a um encontro individual entre professor e aluno, que permite ao docente conhecer as questões socioculturais e subjetivas do seu aluno e diagnosticar a sua zona de aprendizagem quanto à escrita e à leitura (GEEMPA, 2013, p. 13).

Cientificamente elaborado por Esther Pillar Grossi e outros pesquisadores, este instrumento é composto por 12 tarefas organizadas com rigor, a saber: 1. Conversa Inicial, 2- escrita do nome, 3- leitura do nome, 4- escrita de quatro palavras e uma frase, 5-elaboração e ditado de um texto, 6- leitura de um texto, 7-leitura de quatro palavras e uma frase, 8- elaboração da escrita de um texto, 9- escrita de um texto, 10- nome de letras, 11- associação das letras, com o nome de iniciais de palavras e 12- classificação das unidades linguísticas (GEEMPA, 2013).

1 O “Programa de Correção de Fluxo Escolar na Alfabetização” a partir de uma parceria entre MEC – FNDE e o GEEMPA previa a correção de fluxo por meio da alfabetização de alunos de diversos estados brasileiros com defasagem idade/série. Esse grande programa que iniciou no ano de 2009 foi finalizado em 2014, dele participaram efetivamente 99.621 alunos de 199 municípios de 25 estados brasileiros.

Depois da realização da Aula-entrevista com todos seus alunos, o professor irá proceder à constituição dos grupos áulicos² a partir de uma eleição de líderes, que considera a importância da aprendizagem entre pares (TUBOITI, 2012). O encontro entre aluno e professor acontece no início do ano letivo, e por mais três ou quatro vezes durante o ano, a fim de o professor ter um “Feedback” das suas provocações didáticas e acompanhar a mudança das hipóteses de pensamento dos seus alunos.

[...] na Aula-entrevista a professora recolhe elementos para melhor planejar sua tarefa ensinante. Ela identifica o que os alunos realmente sabem e não só o que memorizaram [...] é um suporte para o professor conduzir sua ação pedagógica. (GEEMPA, 2013, p. 9 e 15).

Esse diagnóstico serve para a atuação pedagógica do/a professor/a na orientação da construção de situações didáticas que permitem provocar os esquemas de pensamento dos alunos em direção à aprendizagem. Considera-se, portanto que “as concepções dos alunos são modeladas pelas situações com que eles se deparam” (VERGNAUD, 1986, p.76), ou seja, que o sujeito constrói conhecimentos a partir das situações, a didática devendo ser uma provocação.

Neste sentido, a didática não pode ser simplesmente “reduzida a uma instância técnica” (FERNANDES & SILVEIRA, 2011, p.21). Estas situações precisam ser significativas para o aluno/a para de modo que a aprendizagem seja efetiva e se torna prazerosa. Pois a aprendizagem é um processo que requer a mobilização do aprendente, no sentido de “mobilizar-se (de dentro)” (CHARLOT, 2005, p.45).

Além do mais, a aprendizagem com significado envolve tanto aquele que aprende quanto aquele que ensina. Como Frigério (2006) destaca, “para que alguém aprenda, aquele que ensina tem que acreditar que todos podem aprender, para que esta confiança posta em jogo produza efeito” (FRIGERIO, 2006, p.35).

Todos podem aprender? Significa, por um lado, que todos têm a possibilidade de aprender e, por outro lado, que todos têm o direito de aprender, todos tem a norma de aprender. Mas significa, da mesma forma, que todos têm um poder e significa que todos têm uma potência. (KOHAN, 2006, p. 20).

2 O procedimento da constituição dos grupos áulicos corresponde à organização da sala de aula em pequenos grupos de quatro alunos, realizada de forma democrática a partir do processo de eleição de líderes de cada grupo. Este procedimento promove assim a democratização das aprendizagens na sala de aula, ao favorecer trocas entre pares (TUBOITI, 2012).

Neste sentido, a proposta pós-construtivista atribui grande importância ao papel do professor que deve ensinar a todos os seus alunos, considerando que todos podem aprender. De fato, os professores assumem um papel fundamental na vida das crianças, e na sociedade em que vivem, tornando-se protagonistas. Pois “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p.110).

Dentro dessa “didática situada em uma prática pedagógica corporificada nos sujeitos que a fazem: professor e estudantes ensinando e aprendendo” (FERNANDES & SILVEIRA, 2011, p.25), a Aula-entrevista como princípio da metodologia pós-construtivista é uma novidade no cenário das escolas, ao possibilitar este encontro entre professor e aluno. Ao oportunizar um espaço de expressão para o aluno, esse instrumento conta com dois momentos fundamentais: um primeiro para conhecer elementos que ele considera significativos sobre sua vida e um segundo de descobertas suas hipóteses de pensamento acerca da leitura e da escrita (a saber, Pré-silábico 1, Pré-silábico 2, Silábico, Alfabético ou Alfabetizado).

A riqueza de um encontro a dois

Todas as tarefas da Aula-entrevista são de suma importância, porém a tarefa nº1 é norteadora neste processo de conhecimento do aluno, pois é um momento de aproximação e estreitamento dos laços afetivos entre os envolvidos. Momento onde se estabelece a confiança entre professor e aluno, onde o professor escuta enquanto o aluno fala sobre si mesmo, sobre sua vida, sobre seus desejos e inquietações. E constitui a oportunidade de criar um vínculo entre professor e aluno, para então redirecionar para o vínculo com o conhecimento (PAIN, 1999).

Este primeiro momento, a conversa inicial, é fundamental, pois é este que determina a escolha das quatro palavras e uma frase pelo professor, escolha relacionada com algumas das próximas tarefas como a escrita e a leitura desses elementos, ou seja, tarefas importantes no processo de descoberta dos conhecimentos do aluno acerca da escrita e da leitura. É, portanto recomendado o professor aproveitar esta conversa inicial para selecionar palavras significativas para este aluno, a partir das suas vivências relatadas durante a conversa inicial.

A Aula-entrevista constitui assim um momento único na trajetória tanto profissional do professor, ao se permitir escutar o aluno, como na trajetória pessoal deste último de ser escutado pelo professor (o que parece ser raramente oportunizado no percurso escolar de um aluno). Além de poder desencadear outros aspectos a serem determinantes para o processo de aprendizagem do aluno e possibilitar ao professor a seleção de atividades que abarcam temas do conhecimento prévio dos alunos.

Como formadoras no Geempa desde 2010, participando das formações dos professores alfabetizadores, percebemos como o professor sente dificuldades em realizar esta escuta atenta do aluno, que seja sem preconceitos, sem julgamento sobre o que é relatado. Assim, uma maioria dos professores trabalhando em escolas públicas, ao se confrontar com alunos/a de camadas populares, expressa e demonstra dificuldades a conseguir adotar uma postura neutra, relativizando o que esta sendo contado, tentando compreender os significados do aluno.

Em um dos cursos do Geempa na formação dos professores uma menina contou para a professora que estava lhe entrevistando, que sua mãe havia sido morta envenenada em uma mesa de bar. Mas logo após, ao escolher as quatro palavras e uma frase, a professora resolve perguntar à criança do que ela gosta de brincar e termina ditando para a tarefa escrita das 4 palavras e 1 frase as seguintes palavras: casa, boneca, bicicleta, sol.

Partindo de elementos relatados pelo aluno como a morte da mãe envenenada, o professor deveria selecionar palavras extraídas desse registro subjetivo da criança, trazido durante a conversa inicial. Neste sentido, o docente com mais segurança poderia propor as palavras como copo, veneno, cervejinha e bar. Mas para tanto, o professor precisa ter condições para escutar seus alunos e se pautar na autoridade do conhecimento. Muitas vezes o aluno traz um tema pungente, como foi o caso citado e a professora adota de forma inconsciente, uma atitude de fuga, por não saber lidar com o “drama” daquele aluno e temer reações difíceis do aluno.

Neste sentido, a Aula-entrevista permite compreender as instâncias tanto lógicas do processo de aprendizagem (ou seja, em relação ao conhecimento de conteúdo, no caso as hipóteses de pensamento sobre escrita e leitura) como subjetivas do aluno, ou seja, o que Sara Pain (1999) chama da dramática que influi no processo de

aprendizagem. E como no exemplo citado acima, surgem às dificuldades dos professores para ir além de uma simples escuta da história do aluno e aprender a usar as palavras relacionadas a esta temática para a continuação da própria Aula-entrevista.

Outro fato relevante que observamos nas formações do Geempa é que de Norte a Sul do país as palavras ditadas para os alunos na tarefa 4 (a escrita de quatro palavras e uma frase escolhidas pelo/a professor/a) não apresentavam grandes variações, sendo associadas aos registros do senso comum acerca de como é percebida a criança referentes: ao brincar (boneca, casinha, bola bicicleta) ou a comida (macarrão, maionese, arroz) ou ainda ao contexto escolar (giz, caderno, caneta, lápis).

Observa-se, portanto, nesta postura dos professores o fato de pensar a vivência da criança e a infância associada a uma imagem idealizada caracterizando o perfil e a ocupação de crianças de classe social média e alta. Isso não significa que as crianças de classes populares não brincam, mas que elas querem poder contar sobre suas outras vivências, seus dramas. Ao orientar a conversa e/ou a escolha das palavras para este universo infantil do brincar, o professor escapa de abarcar elementos subjetivos mais difíceis de escutar referentes ao universo daquelas crianças oriundas de um contexto sociocultural diferente do seu. Considerar a diversidade de situações familiares, sociais e econômicas de seus alunos que moram em periferias.

Os antropólogos que trabalham no Geempa nos ensinam que a conversa inicial não é um questionário direto e objetivo, mas um bate-papo descontraído para que o professor saiba o que faz a felicidade ou a infelicidade de cada aluno. Como profissional docente, é então adotar uma escuta sensível, ou seja, aprender a relativizar em relação aos seus valores, hábitos e crenças da sua comunidade cultural, ou seja, para escutar e conhecer a cultura do outro, eu preciso “esquecer”, deslocar-se a minha visão do mundo -sobre as pessoas, a sociedade e os acontecimentos-, predispondo-me a compreender o ponto de vista do aluno (GEEMPA, 2013, p. 20).

Muitas vezes a classificamos com base em nossos preconceitos, nossa forma de ver, de ouvir. Padronizamos as crianças pelos comportamentos que esperamos que tenham, em cada situação, por julgarmos bom, ou não certo, ou não, bonito, ou não, útil ou não. E assim por diante. Olhamos para o outro com nossa forma de ver pré-

concebida, antes mesmo de conhecer o outro (GROSSI, GRANDO, OLIVEIRA, 2015, p. 84).

A descoberta da diversidade na sala de aula

O desafio é ainda maior nas nossas salas de aula que não apresentam uma homogeneidade de perfil de alunos. Mas, a diversidade é inerente ao ser humano, e acreditamos no potencial educativo desta diversidade, ao reconhecer as diferenças pessoais dos alunos. Uma educação multicultural visa à diversidade cultural e social dos alunos, tendo como regra o pluralismo e o respeito à cultura do aluno, portando como valor básico a democracia (Gadotti, 1992).

Reconhecendo a diversidade da sala de aula, o professor precisa mobilizar diferentes formas de trabalho e saberes para estruturar as ações educativas condizentes com a realidade de cada aluno. Segundo André (2002, p.20) “diferenciação requer tomada de consciência e respeito às diferenças”. Percebemos a grande responsabilidade do professor alfabetizador neste processo de ensino-aprendizagem, com respeito às diversidades existentes em uma sala de aula, pois sem dúvida é um desafio ensinar a todos os seus alunos.

E para tanto, a descoberta da diversidade presente na sala de aula passa pela aula-entrevista, onde como professores, precisamos estar preparados para uma escuta sensível e fazer dela um aliado no processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos e despido de qualquer pré-julgamento.

Assim, a Aula-entrevista não constitui somente uma entrevista com o aluno, mas uma verdadeira aula tanto para este que aprende alguns elementos sobre o que é escrever e ler (unidades linguísticas: letras, palavras, frases e textos que constituem histórias ou cartas...) como para o professor que descobre o universo lógico e subjetivo do seu aluno. Se deslocando de uma posição daquele que sabe para aquele que quer aprender acerca de você, querido aluno.

Considerações Finais

A Aula-entrevista, ao possibilitar olhar para a diversidade dos alunos, constitui um instrumento didático verdadeiramente revolucionário, no campo do ensino-aprendizagem e da prática docente.

Esta traz consigo um diferencial na postura dos professores que a utilizam no seu cotidiano de aula, transformando assim a realidade das escolas para se adaptarem ao contexto moderno atual da sociedade. Promovendo e contribuindo para uma educação intercultural numa sociedade diversa, ou seja, uma educação que aceita e integra todas as diversidades quaisquer que sejam: étnico racial, de gênero, de sexo, sociais e culturais. A Aula-entrevista, como instrumento didático inovador, favorece a transformação da atuação do professor para que este se torna um grande humanista e formador.

A postura do educador tem um valor inestimável para que o indivíduo reconheça possibilidades de crescimento no aspecto cultural, socioeconômico e social. E isto será evidenciado na sala de aula, um espaço que recebe pessoas oriundas de todos os contextos sociais, com vivências diferentes, mas que trazem consigo um perfil diversificado que se for bem mediado poderá refletir positivamente na ação pedagógica do educador. Esta postura do professor, de acolher e aceitar a diversidade, de seus alunos e fazer delas um aliado as aprendizagens, diminui angústias, conflitos e problemas que acontecem desde a fundação da instituição escolar. Desde que este esteja disposto a refletir, analisar questionando suas próprias práticas, exercer a alteridade e se adaptar às especificidades do seu alunado.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Marli. *A Pedagogia das diferenças*. In: M. André (org.) *Pedagogia das diferenças na sala de aula*. 3.ed. São Paulo: Papyrus, 2002. p. 11-26.

CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, Formação de Professores e Globalização: questões para a educação hoje*. 1ªed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa; SILVEIRA, Denise Nascimento. A Didática como Mediação Entre a Formação Pedagógica e a Formação Específica: Uma Possibilidade em Aberto na Reconfiguração das Licenciaturas. *Imagens da Educação*, v. 1, n. 1, p. 21-28, 2011.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogenese da língua escrita*. Tradução D. M. Lichtenstein, L. Di Marco, M. Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

Freire, Paulo. *A pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. 22^a ed. São Paulo: Paz e Terra.

Freitag, Barbara. Uma experiência bem sucedida, cientificamente embasada, politicamente engajada e duradoura. In: E. P. Grossi. *Didática da alfabetização: nível pré-silábico*. (10^a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FRIGERIO, Graciela. Educar é interromper profecias de fracasso. In : E. P. Grossi. (Org). *Qual é a chave? Todos Podem Aprender*. Porto Alegre: GEEMPA, 2006. p.29-38.

GADOTTI, Moacir. *Diversidade cultural e educação para todos*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

Geempa. *Aula-entrevista: caracterização do processo rumo à leitura e escrita*. 2^a ed. Porto Alegre: GEEMPA, 2013.

GEEMPA. *Revista do GEEMPA 45 anos Pesquisa Formação e Ação*. n^o 11, 148 p.. Porto Alegre: GEEMPA, setembro 2015.

KOHAN, Walter. Qual é a chave? Todos podem aprender. In: E. P. Grossi (Org.). *Qual é a chave? Todos podem aprender*. Porto Alegre: GEEMPA, 2006. p.15-27.

PAIN, Sara. *A função da ignorância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Tuboiti, Nair Cristina da Silva. *Grupos áulicos: da organização do cotidiano da sala de aula ao direito à aprendizagem*. Dissertação de Mestrado. Pós-graduação em Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Distrito Federal, 2012.

VERGNAUD, Gérard. Psicologia do desenvolvimento cognitivo e didática das matemáticas. Um exemplo: as estruturas aditivas. *Análise Psicológica*, 1986, 1, p.75-90.

La classe-entrevue comme outil didactique: un regard sur les diversités

RÉSUMÉ: L'école a besoin d'être transformée, réellement réinventée afin qu'elle soit adaptée au contexte social, moderne et actuel, en passant par de profonds changements et exigera pourtant des professeurs une proposition plus flexible et plurielle, avec une attention plus personnalisée aux étudiants. Ainsi, le présent récit d'expérience a pour objectif de discuter sur l'importance de la Classe-entrevue pour le/la professeur(e) d'alphabétisation, et sur l'utilisation qu'il/elle fait de cet instrument didactique, en montrant les possibles cheminements logiques et dramatiques obtenus. La Classe-entrevue est un des instruments didactiques créés par le Groupe d'Etudes sur l'Education, la Méthodologie de la Recherche et l'Action (GEEMPA), Organisation Non Gouvernementale, qui travaille avec la formation continue des professeurs d'alphabétisation. Selon Freitag (2011), la proposition du GEEMPA rend concrète le constructivisme de Piaget dans la pratique, en attribuant un sens didactique aux élaborations théoriques de Ferreiro et Teberosky (1988). Dans le contexte de l'alphabétisation, la Classe-entrevue favorise une rencontre individuelle entre professeur et élève, en permettant de diagnostiquer la zone d'apprentissage de la lecture et de l'écriture, c'est-à-dire les hypothèses de pensée de l'élève. Pour le professeur, cet instrument permet d'orienter son travail pédagogique, en connaissant l'univers culturel et les particularités de chacun pour gérer la diversité socioculturelle présente dans la salle de classe.

MOTS-CLÉS: Classe-entrevue. Alphabétisation. Diversité socioculturelle. Didactique.

Suziane Felin MAFFINI

Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Franciscano - UNIFRA (2005). Trabalhou em escola de classe popular na cidade de Santa Maria/RS, como professora Alfabetizadora, alfabetizando 100% dos alunos no primeiro ano do Ensino Fundamental. Atualmente é formadora de professores do Grupo de Estudos Sobre Educação-Metodológica de Pesquisa e Ação. Tem experiência na área de Educação e formação de professores.

Candy Marques LAURENDON

Atualmente Pós-doutoranda e Professora Colaboradora no Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco. Doutora em Psicologia Cognitiva em Co-tutela entre Universidade de Angers (França) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil). Pesquisadora do NUPPEM (Núcleo de Pesquisa em Psicologia da Educação Matemática) da UFPE, do GEEMPA sobre a formação de professoras e do Núcleo de pesquisa GIR@. Possui Mestrado Profissional em Psicologia Intercultural (Universidade Toulouse-le-Mirail, França, 2004) e Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento "Psychologie du Développement et Processus de socialisation" - Universidade Toulouse-Le-Mirail (2007), com Graduação em Psicologia Social.